

# Considerações sobre o neoliberalismo como movimento ideológico internacional\*

Denise Barbosa Gros\*\*

Doutora em Ciências Sociais pela Unicamp  
e Pesquisadora da FEE

## Resumo

*O neoliberalismo enquanto ideário político constituiu-se como um movimento ideológico em escala mundial, decidido a transformar o mundo à sua imagem e a tornar-se o projeto político e econômico dominante no capitalismo dos anos 80 e 90. Esse movimento teve sua origem no desdobramento da teoria econômica do liberalismo, em especial na crítica ao planejamento econômico keynesiano, nos anos 30 e 40, na Europa. Desenvolveu-se após a Segunda Guerra Mundial e tornou-se parâmetro para programas de governo a partir da crise capitalista dos anos 70. Liderado pela Sociedade Mont Pelerin desde o pós-guerra, o movimento internacional desenvolveu-se através da formação de redes de articulação entre intelectuais, acadêmicos e suas publicações, empresas jornalísticas, organizações empresariais e “think tanks” liberais. O texto é dividido da seguinte forma: o desenvolvimento do neoliberalismo como movimento ideológico e a formação de sua entidade máxima — a Sociedade Mont Pelerin —; os seus desdobramentos através de “think tanks” liberais na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos; e, finalmente, a internacionalização do movimento nos anos 90.*

## Palavras-chave

**Neoliberalismo; movimento ideológico; *think tanks* liberais.**

---

\* Artigo recebido em jun. 2008 e aceito para publicação em ago. 2008.

\*\* E-mail: gros@fee.tche.br

A autora agradece a leitura atenta e as pertinentes sugestões feitas por Maria Isabel Jornada à versão preliminar deste artigo. Naturalmente, a versão final é de inteira responsabilidade da autora.

## ***Abstract***

*Neoliberalism has become an international ideological movement working to become the political and economic project of capitalism in the 80's and 90'. The movement originates in the developments of the liberal economic theory and its critics to the politics of economic planning proposed by Keynes in the 30's in Great Britain. With the leadership of the Mont Pelerin Society in the 40's, the ideological movement that started in Europe spread through the world. Its is developed through a network of intellectuals, universities, journalists, businessmen, corporate foundations and libertarian think tanks. The text is presented in four parts: the development of neoliberalism as an ideological movement and the creation of the Mont Pelerin Society; the expansion of the movement through think tanks in Great Britain and the United States; and, finally, its expansion through the world in the 80's.*

## ***Key words***

***Neoliberalism; ideological movement; libertarian think tanks.***

**Classificação JEL: B2, B25, B31.**

## **Introdução**

Em março de 2008, a Fundación Internacional Para la Libertad promoveu, na Argentina, o seminário internacional Los Desafíos de América Latina: Entre las Falencias Institucionales y las Oportunidades de Desarrollo. Estiveram presentes intelectuais, políticos e representantes de *think tanks* liberais latino-americanos, como o Instituto de Estudos Empresariais (IEE) de Porto Alegre, e norte-americanos, como a Heritage Foundation, o Cato Institute e o American Enterprise Institute. Alguns dias depois, foi realizado, em Porto Alegre, o 21º Fórum da Liberdade, promovido pelo IEE. Além de vários participantes, os dois eventos tiveram em comum o ideário do neoliberalismo, pois suas propostas eram uma sociedade com Estado mínimo e uma supremacia do mercado e da liberdade econômica individual. Essa semelhança de idéias não é casual, pois as pessoas e as instituições participantes desses dois eventos, assim como as grandes corporações e fundações empresariais que os financiam, fazem parte

de uma sólida rede internacional de defesa dos princípios do neoliberalismo, que foi articulada nos últimos 70 anos, em países como os Estados Unidos e a Grã-Bretanha.

O neoliberalismo foi definido por Perry Anderson (1995) como um fenômeno distinto do liberalismo clássico do século XVIII, tendo nascido nos países capitalistas da Europa e nos Estados Unidos, logo depois da Segunda Guerra Mundial, como uma resposta teórica e política contra o Estado de Bem-Estar Social. Ainda segundo Anderson, o neoliberalismo constituiu-se como Movimento ideológico em escala mundial, decidido a transformar o mundo à sua imagem e a tornar-se o projeto político e econômico dominante no capitalismo dos anos 80 e 90. Esse movimento teve sua origem no desenvolvimento da teoria econômica do liberalismo clássico, em especial na crítica ao planejamento econômico elaborada por Ludwig Von Mises e Friederich Hayek, membros destacados da Escola Austríaca de Economia, e na contribuição que eles deram para o ressurgimento do pensamento liberal na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial e para a criação da Sociedade Mont Pelerin, em 1947.

O movimento ideológico neoliberal desenvolveu-se, como se verá, através da formação de redes de articulação entre intelectuais, acadêmicos e suas publicações, empresas jornalísticas, organizações empresariais e um novo tipo de institutos privados de pesquisa sobre políticas públicas, os *think tanks*.

Cabe aqui uma explicação conceitual sobre os *think tanks*. Eles se constituem em institutos privados de pesquisa que estão presentes no processo de formulação de políticas públicas, nos Estados Unidos e na Inglaterra, desde os anos 40 (Denham, 1996), produzindo conhecimento sobre os temas sujeitos à regulamentação pública e, principalmente, formulando projetos de políticas públicas orientados pela doutrina do liberalismo. Financiados por doações de grandes empresas, os *think tanks* mantêm equipes técnicas de alto nível que produzem publicações e participam de debates nos meios universitários, na mídia e nos órgãos de assessoria técnica dos partidos políticos (Hollings, 1993). Nos últimos 30 anos, a rede de *think tanks* conservadores nos EUA formulou críticas ao Welfare State e às políticas sociais, contribuindo não só para garantir a vitória de Ronald Reagan no final dos anos 70, como para definir políticas públicas conservadoras nas áreas de educação, previdência social, direito das minorias étnicas, etc. (Domhoff, 1979; Davis, 1981; Hollings, 1993; Nash, 1996; Stefancic; Delgado, 1996; Usseem, 1983; Vogel, 1983; Weaver, 1989). O mesmo ocorreu na Inglaterra, com a ação de *think tanks* da Nova Direita, que contribuíram para a vitória de Thatcher e para o desmonte do Estado de Bem-Estar Social naquele país (Cockett, 1995; Denham, 1996). A manutenção desse movimento foi possível devido à existência de grandes empresas dispostas a finan-

ciar essa rede de *think tanks*, seus estudos e publicações. Sobretudo, a existência dessas redes foi fundamental para a consolidação do neoliberalismo como alternativa política e para a internacionalização do movimento nos anos 80.

As idéias lançadas pelos liberais nos anos 30 e 40 permaneceram no nível da teoria por várias décadas, até a crise dos anos 70 e a recessão no mundo capitalista avançado. Segundo Hayek e outros liberais, a crise era consequência do excessivo poder do movimento operário, pois as reivindicações salariais e de gastos sociais feitas pelos sindicatos teriam comprometido a acumulação capitalista. A solução, para os liberais, estava em medidas como a estabilidade monetária, a diminuição dos gastos sociais e a restauração da taxa de desemprego, para, assim, enfraquecer-se a capacidade de reivindicação dos trabalhadores e, por fim, quebrar-se o poder dos sindicatos. Somente nos anos 80, as medidas propostas pelos liberais foram postas em prática pelos Governos Thatcher, a partir de 1979, e Reagan, a partir de 1980. Além desses casos, quase todos os países da Europa Ocidental tiveram governos de direita que adotaram as reformas liberais nesse período. Mas foi na América Latina que ocorreu a “primeira experiência neoliberal sistemática do mundo” (Anderson, 1995, p.19). Inspirado em Hayek, Friedman e no monetarismo da Escola de Chicago, o governo ditatorial do General Pinochet, no Chile, aplicou o receituário liberal em toda a sua extensão: desregulamentação, desemprego, repressão sindical, “redistribuição” de renda em favor dos ricos e privatização dos bens públicos (Foxley, 1988).

Este artigo visa contribuir para a compreensão dessa rede internacional e das principais instituições que a mantêm. Para tanto, procura-se reconstituir a formação do neoliberalismo como um movimento ideológico internacional.<sup>1</sup> Este texto está dividido da seguinte forma: o desenvolvimento do neoliberalismo como ideologia e a formação da sua associação internacional, a Sociedade Mont Pelerin; os seus desdobramentos através de *think tanks* liberais na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos; e, finalmente, a internacionalização do movimento nos anos 90.

---

<sup>1</sup> Uma versão mais detalhada da formação e da história do movimento neoliberal internacional e seus desdobramentos na América Latina e no Brasil encontra-se em **Institutos Liberais e Neoliberalismo no Brasil da Nova República** (Gros, 2003).

## O surgimento da Sociedade Mont Pelerin

A criação da Sociedade Mont Pelerin está estreitamente ligada às idéias de Hayek e à estratégia política proposta por ele para se contrapor às tendências socialistas que os liberais consideravam dominantes na Europa da época. Friederich Hayek era professor de Economia na Universidade de Viena, nos anos 30, quando foi convidado pelo economista inglês Lionel Robbins a transferir-se para a London School of Economics (LSE), cujo Departamento de Economia já reunia um grupo de economistas neoliberais. O trabalho conjunto de Hayek e Robbins na Inglaterra transformaria a London School of Economics no mais importante centro acadêmico dedicado à pesquisa e à divulgação do liberalismo econômico na Europa dos anos 30 e 40.

Nessa época, Hayek desenvolveu um intenso debate com os economistas keynesianos das Universidades de Cambridge e Oxford. Seu alvo era a economia mista proposta por Keynes, para solucionar as dificuldades da economia inglesa nos anos 30. Em sua obra **A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda**, Keynes sugere uma orientação econômica que denomina Middle Way. Nessa proposta, o governo implementaria políticas de pleno emprego para promover a justiça econômica e social e, ao mesmo tempo, protegeria o indivíduo, sua liberdade de escolha e sua propriedade. Mas, para os neoliberais, a política econômica keynesiana era, além de inflacionária, eminentemente política, ao justificar as medidas coletivistas que vinham sendo implantadas, na Inglaterra, desde o final do século anterior. Eles se preocupavam especialmente com o fortalecimento dos sindicatos e com o pressuposto assumido por Keynes de que o poder dos trabalhadores organizados era tal que tornava politicamente inviável se pensar em reduzir os salários como parte da solução para o problema. Em 1935, Hayek publicou sua crítica ao planejamento econômico em **Collectivist Economic Planning**.

Em 1944, Hayek publicou **O Caminho da Servidão**, livro planejado para ter impacto sobre a opinião pública e publicado, simultaneamente, na Inglaterra e nos EUA, pela Universidade de Chicago. O argumento central do livro de Hayek (1990) é o de que não há “caminho intermediário” ou “*middle way*” entre o totalitarismo e o sistema econômico liberal competitivo. Segundo Hayek, o liberal-socialismo proposto por Keynes levaria ao totalitarismo e à servidão, pois ele identificava o socialismo não apenas com o comunismo soviético ou o nazismo alemão, mas como um inimigo da liberdade individual. Segundo Cockett (1995), esse debate teria contribuído para o desenvolvimento de uma escola de economia antikeynesiana, liderada pelo Institute of Economic Affairs (*think tank* neoliberal

criado em 1955), e, anos mais tarde, para a formação do “thatcherismo”, como se verá adiante.

Mas o debate entre as idéias de Keynes e as de Hayek ficou restrito ao mundo acadêmico nos anos 30. Nos anos 40, os políticos liberais ingleses passaram a protestar contra determinadas medidas econômicas adotadas pelo Governo Churchill e por eles consideradas coletivistas: controle governamental sobre as atividades econômicas, regulação, racionamento e planejamento. O foco das críticas era o **Relatório Beveridge**, de 1942, que propunha solucionar os problemas sociais através de políticas redistributivistas, como a universalização da previdência pública. O Relatório marcou o início de uma divisão ideológica, dentro do Partido Conservador, entre aqueles que apoiavam a condução da política econômica em direção ao Welfare State e aqueles que se opunham ao **Relatório Beveridge**. A publicação de **O Caminho da Servidão** serviu como argumento intelectual dos conservadores ingleses, que se preocupavam com a política econômica que vinha sendo implantada no País, para contrapor aos entusiastas do planejamento do pós-guerra.

Além da sua atuação em defesa do liberalismo no meio acadêmico, Hayek propunha também uma estratégia política mais ampla. Sua intenção era levar a guerra das idéias aos intelectuais, através de uma associação internacional de acadêmicos dedicados à renovação das idéias do liberalismo clássico, para defender os valores da liberdade individual contra as ameaças das idéias socialistas. Essa tarefa política era considerada de longo prazo, constituindo-se numa luta no campo das idéias, para garantir a hegemonia da noção de liberdade individual (Cockett, 1995, p. 104). A tarefa dessa associação era comparada àquela realizada pelos intelectuais socialistas e pelos reformistas do final do século XIX e início do XX, que atribuíam papel decisivo aos intelectuais na formação dos valores e das crenças da sociedade e, por essa razão, dirigiram seus esforços para obter o apoio da elite. Foi o que fizeram na Inglaterra os keynesianos e, antes deles, os fabianos<sup>2</sup>, que promoviam ampla distribuição de textos em forma de panfletos educativos, para conscientizar as elites das injustiças do capitalismo. Hayek propunha, então, usar a mesma tática, ou seja “[...] arremessar e treinar um exército de lutadores pela liberdade”, numa campanha

---

<sup>2</sup> A Sociedade Fabiana foi criada na Inglaterra, em 1884, por intelectuais reformistas que propunham diminuir a distância entre ricos e pobres através da ação do Estado na implementação de políticas sociais de bem-estar que melhorassem o padrão de vida da população. Mantinha um projeto educativo no meio intelectual, feito através da ampla distribuição de panfletos onde denunciavam a pobreza e as injustiças do capitalismo na Inglaterra (Hunter; Sherman, 1977, p. 140). Seu trabalho influenciou a promulgação da legislação social inglesa até a Primeira Guerra.

de longo prazo para mudar o pensamento de uma geração de intelectuais. Eles deveriam ser capacitados para formular uma estrutura legal do Estado que garantisse a livre-competição e também para formular políticas que dificultassem aos capitalistas a formação de monopólios e cartéis e que restringissem na lei o poder dos sindicatos.

Essas foram algumas das sugestões apresentadas por Hayek na reunião internacional de liberais realizada em 1947, em Mont Pelerin, na Suíça. A conferência durou 10 dias, e sua agenda incluiu temas como: ordem competitiva ou livre empresa; historiografia moderna e educação política; o futuro da Alemanha; os problemas e as possibilidades da Federação Européia; liberalismo e cristianismo; medidas anticíclicas, pleno emprego e reforma monetária; política salarial e sindicatos; tributação, pobreza e distribuição de renda; política agrícola; e, finalmente, a crise política da época (Fonseca, 1993).

Os participantes da reunião em Mont Pelerin eram economistas europeus e norte-americanos conhecidos e que desempenhariam papel importante na divulgação do liberalismo em seus países. A Escola Austríaca de Economia estava representada por Friederich Hayek e Ludwig Von Mises. Da Inglaterra, vieram Lionel Robbins e Stanley Deninson, da London School of Economics; John Jewkes, da Universidade de Oxford; Michael Polanyi, da Universidade de Manchester; e o Jornalista e Historiador C. V. Wedgwood. A Alemanha estava representada por Willian Röpke e Walter Eucken, da Escola de Freiburg. Dos EUA, vieram o Jornalista Henry Hazlitt, do **New York Times** e da **Newsweek**; os Economistas Leonard Read, F. A. Harper e V. O. Watts, da Foundation for Economic Education; e os professores da Universidade de Chicago Frank Knight, Aaron Director, George Stigler e o jovem Milton Friedman. Os liberais franceses enviaram Jacques Rueff, titular do Tesouro francês no entre-guerras, o Professor de Economia Maurice Allais e o Jornalista Bertrand de Jouvenel. Outros presentes eram o Professor Willian Rappart, do Institut Universitaire des Hautes Études Internationales de Genève, além de representantes da Itália e da Noruega (Cockett, 1995).

O apoio financeiro fornecido por vários grupos econômicos foi fundamental para a realização do encontro. O Institut Universitaire des Hautes Études Internationales<sup>3</sup>, de Genebra, conseguiu o apoio financeiro de um grupo de industriais e banqueiros suíços. O Banco da Inglaterra patrocinou a viagem dos

---

<sup>3</sup> Fundado em 1927, o Institut Universitaire des Hautes Études Internationales de Genebra desempenhou importante papel como abrigo de acadêmicos liberais durante o nazismo, dentre eles Ludwig Von Mises, de 1934 a 1940. Era sustentado pela Rockefeller Fondation dos EUA, que também foi a principal financiadora da London School of Economics no período entre-guerras (Cockett, 1995, p. 54).

delegados ingleses. Esse patrocínio foi obtido por Arnold Swenson Taylor, empresário inglês (Cockett, 1995). A delegação norte-americana foi financiada pelo William Volker Fund, criado por um empresário, em 1932, para financiar o estudo e a divulgação do liberalismo nos EUA e que desempenhou papel fundamental como financiador de universidades, publicações e encontros que ampliaram a difusão do liberalismo entre os intelectuais norte-americanos.

A Sociedade Mont Pelerin foi fundada ao final da conferência, em 1947, tendo Friederich Hayek como Presidente e Walter Eucken (Alemanha), John Jewkes (Grã-Bretanha), Frank Knight (EUA), William Rappard (Suíça) e Jacques Rueff como Vice-Presidentes (Cockett, 1995). Desde sua fundação, a Sociedade funciona como uma organização fechada, com atividades reservadas exclusivamente a seus associados e sem manifestações públicas de suas posições. Ainda assim, exerce grande influência, através da atuação de seus membros, que ocupam posições de destaque nos meios político e intelectual, no mundo todo. Durante todos esses anos, a Sociedade Mont Pelerin desempenhou um papel central no renascimento internacional da ideologia do neoliberalismo por uma série de fatores, arrolados por Cockett (1995): manteve vivo o interesse pelo liberalismo numa época em que não era uma teoria hegemônica; deu identidade aos intelectuais liberais que se achavam isolados; disseminou idéias liberais para audiências internacionais; aumentou a legitimidade das idéias liberais pelo reconhecimento de seus membros, dentre eles, vários vencedores do Prêmio Nobel de Economia; contribuiu indiretamente para influenciar políticas governamentais através da ação de seus membros como conselheiros ou legisladores; e, ainda, estimulou a criação de instituições liberais por todo o mundo.

## **Os *think tanks* neoliberais na Grã-Bretanha**

Segundo Richard Cockett (1995), a hegemonia da ideologia neoliberal nas décadas de 80 e 90, na Grã-Bretanha, materializada pela política econômica adotada nos dois períodos de governo de Margareth Thatcher (1979-83 e 1983-87), foi o resultado de um longo processo de contra-revolução intelectual iniciado nos anos 30, durante os debates sobre a influência do keynesianismo na Inglaterra. Esse movimento intelectual foi liderado pelo economista austríaco Friederich Hayek nos anos 30 e 40 e, nas décadas seguintes, desenvolveu-se através da ação concertada de uma série de *think tanks* da Nova Direita inglesa (Denham, 1996), em especial o Institute of Economic Affairs, o Centre for Policy Studies e o Adam Smith Institute, dedicados a converter uma geração de políticos e formadores de opinião ao ideário liberal.



O Institute of Economic Affairs (IEA) foi a primeira instituição a questionar o keynesianismo, o **Relatório Beveridge** e o consenso intelectual fabiano, dominantes na Grã-Bretanha do pós-guerra (Denhan, 1996). Criado em 1955 pelo empresário e militante liberal Antony Fisher, sua primeira direção foi composta por jornalistas, economistas — tanto do Partido Conservador quanto do Trabalhista — e financistas, como Arnold Swenson-Taylor (que havia obtido o apoio financeiro do Banco da Inglaterra para a reunião de Mont Pelerin em 1947). O próprio Fisher e o Diretor Ralph Harris vinham do Partido Conservador; o Diretor Editorial Arthur Seldon era economista da London School of Economics e, assim como o militante liberal Oliver Smeley, vinha do Partido Liberal (Cockett, 1995). Registrado como entidade civil sem vinculações políticas nem partidárias, o IEA podia receber doações dedutíveis do Imposto de Renda. Essa “neutralidade política” do Instituto era fundamental para garantir os recursos necessários para sua atividade editorial e de pesquisa (Denham, 1996). No final dos anos 60, o IEA já recebia apoio financeiro de cerca de 350 diferentes fontes (Cockett, 1995).

A ação do Institute of Economic Affairs era baseada na proposta de Hayek de travar a batalha das idéias, ou seja, transformar o clima intelectual através da educação, formando as novas gerações nos preceitos do livre-mercado. Essa era uma tarefa de longo prazo: ajudar a formar, nas universidades e nas escolas inglesas, uma nova geração de intelectuais liberais, que trabalhariam na divulgação do liberalismo até torná-lo a ideologia dominante, através de jornais, rádio, televisão, escolas, etc. Para o Presidente do Institute of Economic Affairs, Anthony Fisher, “[...] o Institute of Economic Affairs conhecia a verdade; sua tarefa era evangelizar” (Cockett, 1995, p. 139). Inspirado nos fabianos e nos primeiros socialistas ingleses, o projeto educacional do IEA era desenvolvido através de trabalhos publicados em forma de panfletos baratos e pequenos e distribuídos amplamente. Até os anos 70, o IEA tinha vendido cerca de 250.000 exemplares de seus textos na Inglaterra e no exterior, constituindo-se num centro modelo para a discussão e a divulgação do liberalismo Econômico. A lista de autores das publicações do IEA incluía professores de Economia reconhecidos na Inglaterra, muitos formados pela London School of Economics, membros da Sociedade Mont Pelerin e também economistas liberais de renome internacional, como Hayek, James Buchanan e Milton Friedman.

Os textos publicados pelo Institute of Economic Affairs apresentavam análises da estrutura financeira do Estado de Bem-Estar Social inglês e propunham soluções de mercado para a saúde, a habitação, a aposentadoria e a educação. Em 1964, o IEA propôs o pagamento da educação através de um *voucher system* (Cockett, 1995). A idéia de acabar com a rede de escolas públicas e de fornecer recursos diretamente às famílias, através do cheque-educação, foi formulada

por Friedman nos EUA, nos anos 60 (Friedman, 1962); nos anos 90, continuava a ser defendida pelos liberais norte-americanos (Apple, 1994) e também pelos brasileiros, através dos Institutos Liberais (Gros, 2003).

A partir dos anos 60, o trabalho do Institute of Economic Affairs concentrou-se também na discussão da questão sindical, pois suas propostas para levar a Inglaterra a uma economia de mercado tinham como pressuposto a flexibilização do mercado de trabalho através da redução do poder dos sindicatos e de uma política governamental de estabilidade monetária. O próprio Hayek escreveu as contribuições mais efetivas do IEA sobre a questão dos sindicatos: **A Tiger by the Tail** e **1980s Unemployment and the Unions** (IEA).

O Institute of Economic Affairs foi responsável também pela importação da doutrina econômica do monetarismo de Milton Friedman, que viria a se tornar o princípio orientador das reformas econômicas do Governo Thatcher nos anos 80 (Cockett, 1995). Friedman participou de vários debates promovidos pelo IEA e publicou diversos textos através do Instituto, dentre eles **The Counter-Revolution in Monetary Theory** (1970), **Monetary Correction** (1974) e seu Prêmio Nobel **Inflation and Unemployment** (1976). Dessa forma, Friedman desempenhou papel de destaque na campanha do IEA em favor do monetarismo e contra as políticas de pleno emprego na Inglaterra dos anos 70.

Com sua política editorial, a influência do Institute of Economic Affairs sobre jornalistas, acadêmicos e políticos da Grã-Bretanha nos anos 60 e 70 foi significativa, especialmente no que se refere à divulgação do monetarismo. No meio jornalístico, três importantes periódicos divulgavam os textos do IEA: o **Daily Telegraph**, o **Financial Times** e o **Times**. Esses três jornais exerceram grande influência na transformação do clima intelectual inglês, nos anos 70, em especial na conversão de uma parcela significativa da opinião pública ao monetarismo. No meio acadêmico britânico, a influência do IEA foi grande, destacando-se a Universidade de St. Andrews, que abrigou a reunião da Sociedade Mont Pelerin em 1976 e formou uma geração de ativistas liberais, dentre eles, vários membros da equipe econômica de Thatcher nos anos 80. Segundo Cockett (1995), ainda que a idéia de militantes políticos não pertencentes à esquerda fosse estranha na década de 70, esses eram os “lutadores da liberdade” de Hayek. Esses militantes de direita exerceram influência significativa na definição da política econômica do Governo Thatcher, tanto através dos *think tanks* liberais quanto do Partido Conservador inglês. Após a vitória do liberalismo na Grã-Bretanha, esses militantes vieram a desempenhar papel importante também na internacionalização do movimento neoliberal, nos anos 80, como se verá adiante.

Ainda no meio político, o Institute of Economic Affairs mantinha estreita ligação com três membros importantes do Partido Conservador: Keith Joseph,

Geoffrey Howe e Margareth Thatcher. Os dois primeiros ocuparam cargos de cúpula nos Governos Heath e Thatcher e usavam o IEA como centro de pesquisa e informação, em especial sobre o funcionamento do Welfare State. Margareth Thatcher também se apoiou no IEA, sobretudo para aprofundar seus conhecimentos de Economia Monetarista. Através do Institute of Economic Affairs, Thatcher encontrou-se com Hayek em 1975 e com Milton Friedman em 1978. Dessa forma, ainda que fosse independente dos partidos, o trabalho do IEA foi divulgado e aceito no meio político, especialmente através da influência que Margareth Thatcher, Keith Joseph e Geoffrey Howe exerceram sobre o Partido Conservador e sobre o Governo inglês dos anos 70 aos 90.

Já o Centre for Policy Studies (CPS) foi criado em 1974, com recursos do Partido Conservador, para desenvolver, dentro do Partido, o que o Institute of Economic Affairs tinha realizado na comunidade intelectual. O CPS deveria traduzir os princípios gerais do liberalismo econômico em propostas políticas concretas e travar a batalha ideológica para a aprovação dessas políticas dentro do Partido Conservador (Denham, 1996). Em 1983, o CPS mantinha 16 grupos de estudos sobre diferentes temas relacionados à crítica ao Welfare State. O mais famoso desses foi o Trade Union Reform, que, em 1976, elaborou uma proposta de reforma da lei sindical que influenciou a definição das políticas adotadas pelo Partido Conservador. Essa reforma era condição fundamental para a realização das demais medidas econômicas de cunho liberal, que não poderiam ser implementadas sem a quebra do enorme poder do movimento sindical inglês. O trabalho do CPS sobre a reforma sindical contribuiu para o sucesso do Partido Conservador nas eleições de 1973, bem como para a estratégia adotada pelo governo de Margareth Thatcher de 1979 a 1983.

Assim, na política inglesa dos anos 70, o Centre for Policy Studies desempenhou um papel importante em duas esferas diferentes. De um lado, lutou uma “guerra de idéias” dentro do Partido Conservador, centrada principalmente na defesa do monetarismo e na necessidade de controlar tanto a inflação quanto a influência dos sindicatos. De outro, o CPS foi importante como centro de recrutamento de pessoas de diferentes origens e variadas habilitações profissionais — empresários, executivos, analistas de sistemas, especialistas em *marketing* político e jornalistas — interessadas em lutar pelo ressurgimento do liberalismo na Inglaterra. Essas pessoas eram, de alguma forma, patrocinadoras da Nova Direita e do Conservadorismo Liberal e foram muito úteis como colaboradores técnicos do Governo Thatcher (Cockett, 1995).

O outro *think tank* criado sob a inspiração do Institute of Economic Affairs foi o Adam Smith Institute (ASI), que surgiu em 1976 como uma entidade independente do Partido Conservador, apesar de manter fortes vinculações com determinados ministros e executivos do Partido. Para os criadores do ASI, ven-

cer a batalha das idéias era importante – e era o que o IEA havia feito — mas não suficiente para garantir sua aplicação prática em soluções de mercado nas políticas públicas (Deham, 1996). Portanto, sua tarefa era fornecer análises detalhadas sobre como as idéias do liberalismo econômico defendidas pelo Institute of Economic Affairs podiam ser traduzidas em propostas políticas viáveis. Seus criadores foram três economistas ingleses — Madsen Pirie, Eamonn Butler e Stuart Butler — que traziam a experiência dos *think tanks* dos Estados Unidos, onde haviam trabalhado no Republican Study Committee, fundado por Edwin Feulner, Presidente da Sociedade Mont Pelerin<sup>4</sup> de 1996 a 1998.

Nos anos 80, o Adam Smith Institute adotou como metodologia a Teoria da Escolha Pública de James Buchanam, Prêmio Nobel de Economia em 1986 e membro da Sociedade Mont Pelerin. A Heritage Foundation dos EUA havia desenvolvido uma adaptação dessa filosofia à formulação de políticas públicas específicas, passíveis de aplicação prática em determinadas condições políticas e institucionais. Os fundadores do Adam Smith Institute denominavam essa estratégia “micropolítica” e, com ela, propunham uma abordagem mais pragmática e flexível na formulação de políticas econômicas liberais. O trabalho do ASI passou a ser, então, a realização de análises detalhadas de como uma medida de política pública podia ser implementada na prática (Denham, 1996).

Assim, através da formulação de propostas no nível micropolítico, o Adam Smith Institute fazia um trabalho complementar ao do Centre for Policy Studies, mais estratégico e genérico. Nos anos 80, o ASI tornou-se o maior centro de idéias e propostas políticas sobre privatização na Inglaterra. No início dos anos 80, o Adam Smith Institute publicou o **Projeto Ômega**, no qual definia a aplicação de reformas de cunho liberal para todas as áreas de políticas públicas: tributária, habitacional, de defesa nacional, etc. O **Projeto Ômega** foi usado como plano de governo no segundo mandato de Thatcher. Esse projeto, assim como boa parte do trabalho da ASI, foi inspirado na Heritage Foundation e no seu *Mandate for Leadership*, preparado em 1980, para definir as diretrizes de um programa conservador para o Governo Reagan: prioridade para a economia de mercado; posição internacional mais dura; maiores dotações orçamentárias para o Ministério da Defesa, etc. (Sen, 1981). Com o colapso do comunismo no final dos anos 80, o Adam Smith Institute passou a aconselhar os governos de diversos países do Leste Europeu — Polônia, Hungria, Checoslováquia — sobre questões de privatização.

---

<sup>4</sup> Feulner estudou na London School of Economics, trabalhou no Institute of Economic Affairs, nos anos 60, e foi fundador da Heritage Foundation de Washington em 1973.

## **Os *think tanks* neoliberais nos Estados Unidos**

Nos EUA, após a Segunda Guerra Mundial, o ressurgimento do liberalismo contou com a contribuição de vários emigrados europeus, em especial dos austríacos Hayek e Von Mises (Nash, 1996), e esteve relacionado com os temores que os defensores da tradição norte-americana do individualismo tinham das tendências esquerdistas que eles identificavam em várias partes do mundo, da vitória dos trabalhistas na Inglaterra à própria situação dos Estados Unidos, com o aumento do poder do Estado e da sua interferência na economia.

Ludwig Von Mises, que foi professor de Hayek em Viena, pautou sua extensa produção acadêmica na crítica ao socialismo e ao planejamento econômico. Em 1922, ainda na Áustria, publicou uma crítica à proposta econômica do socialismo em **Socialism: An Economic and Sociological Analysis**. Nesse livro, ele afirma que só há duas formas possíveis de organização da sociedade: numa, a sociedade é baseada na propriedade privada dos meios de produção; noutra, o governo controla ou administra toda a produção. A “Terceira Via”, ou o modelo intermediário de sociedade, não poderia existir, pois inevitavelmente conduziria a um sistema de comando centralizado e autoritário. Por essa razão, Von Mises opunha-se às economias mistas, ou o *Middle Way* que os economistas keynesianos começavam a defender. Nos anos 40, Von Mises emigrou para os EUA, onde viveu até sua morte, em 1973. Em 1949, publicou **A Ação Humana**<sup>5</sup> (Mises, 1990), um enorme tratado sobre Economia que discutia as diferentes dimensões da ação humana, o mercado, os preços, os juros, os interesses conflitantes dos agentes econômicos, a cooperação social e que criticava fortemente o planejamento econômico e a intervenção do Estado sobre o mercado. Ludwig Von Mises trabalhou pela divulgação do liberalismo entre os norte-americanos através de seus cursos na Universidade de Nova Iorque e dos vários livros que publicou. Foi também consultor da National Association of Manufacturers (NAM), organização de empresários conservadores<sup>6</sup>, e conse-

---

<sup>5</sup> Várias obras de Ludwig Von Mises foram publicadas no Brasil pelo Instituto Liberal, dentre elas: **As Seis Lições** (1987), **Liberalismo** (1987), **O mercado** (1987), **Uma Crítica ao Intervencionismo** (1988), **A Mentalidade Anticapitalista** (1988) e **Ação Humana** (1990).

<sup>6</sup> A National Association of Manufacturers representa um grupo ultraconservador na rede de organizações de formulação de políticas, nos EUA. Defende posições isolacionistas quanto à política externa, critica o Welfare State e considera os sindicatos organizações influenciadas por comunistas. Teve grande influência no cenário político norte-americano dos anos 30 aos 60 (Domhoff, 1979).

lheiro da Foundation for Economic Education, além de participar da Sociedade Mont Pelerin.

Friederich Hayek também emigrou para os EUA nos anos 50, quando foi contratado pela Universidade de Chicago, com apoio financeiro do Willian Volker Charities Trust, o mesmo que havia financiado a participação norte-americana na reunião fundadora da Sociedade Mont Pelerin (Nash, 1996). Seu livro **O Caminho da Servidão** foi amplamente divulgado naquele país, em 1944, tanto no meio acadêmico quanto através de uma versão condensada no **Reader's Digest**. Para a direita norte-americana, as críticas de Hayek ao planejamento central da economia, considerado um entrave à competição, e ao coletivismo como um projeto essencialmente autoritário renovaram o pensamento conservador norte-americano.

Além de Hayek, Von Mises e a Sociedade Mont Pelerin, na qual participavam vários norte-americanos, vários intelectuais e organizações engajaram-se na tarefa de divulgação do liberalismo nos Estados Unidos, como ocorrera na Grã-Bretanha. Dentre os grupos, instituições e publicações que formavam uma rede que influenciava o movimento liberal-conservador<sup>7</sup> norte-americano nos anos 50, destaca-se a Foundation for Economic Education, a organização universitária Intercollegiate Society of Individualists e os periódicos conservadores **The Freeman** e **National Review**.

A Foundation for Economic Education foi criada em 1946, para divulgar as idéias do liberalismo através da defesa dos princípios da propriedade privada, da liberdade individual e do livre-mercado. Seu idealizador foi Leonard Read, empresário e diretor da Câmara de Comércio dos EUA que, desde 1935, trabalhava na divulgação de textos liberais através de uma mala-direta que atingia cerca de 3.000 pessoas (Nash, 1996). A Foundation for Economic Education foi criada com o apoio de professores universitários de Yale e de Columbia, do Jornalista Henry Hazlitt<sup>8</sup> e dos diretores de algumas grandes empresas, dentre elas, General Motors e B. F. Goodrich. Ludwig Von Mises e professores da Universidade de Cornell constituíam a equipe técnica da Fundação, que contava

---

<sup>7</sup> Utiliza-se o termo liberal-conservador para os seguidores do liberalismo participantes do movimento conservador norte-americano, para distingui-los dos "liberais", termo associado a tendências reformistas de setores do Partido Democrata.

<sup>8</sup> Jornalista de renome nos EUA, responsável por uma coluna semanal sobre finanças na **Newsweek**, Henry Hazlitt foi um elo importante entre os movimentos liberais dos EUA e da Inglaterra, pelo seu antikeynesianismo ferrenho e pela divulgação que fazia do liberalismo econômico e do trabalho do Institute of Economic Affairs de Londres na imprensa norte-americana. Foi responsável pela publicação da versão condensada do livro de Hayek no **Reader's Digest**, em 1945. Era membro da Sociedade Mont Pelerin e apoiava também outros jornais liberais e conservadores, como **The Freeman** (Cockett, 1995).

ainda com o apoio e as palestras de Hayek. Em 1947, o Volker Fund e a Realm Foundation também apoiaram financeiramente a Foundation for Economic Education. Em 1952, a Fundação divulgava literatura liberal pelo sistema de mala-direta para um público de cerca de 30.000 pessoas. O livro **The Law**, de Frédéric Bastiat, foi o maior sucesso editorial da Foundation for Economic Education, tendo vendido mais de 500.000 cópias até 1971,<sup>9</sup> desempenhando um importante papel na disseminação de idéias sobre liberalismo clássico na sociedade norte-americana (Nash, 1996) e, até hoje, publica vários periódicos, dentre eles, **The Freeman: Ideas on Liberty**.

Para os estudantes norte-americanos, a instituição de grande importância na divulgação do pensamento liberal-conservador foi a Intercollegiate Society of Individualists (ISI), criada em 1953, para servir como um antídoto à penetração das idéias socialistas nos *campi* universitários, patrocinada pela Intercollegiate Society of Socialists. Em 1956, cerca de 10.000 pessoas recebiam a literatura sobre liberalismo distribuída pela ISI, e, nos anos 60, já eram cerca de 40.000. Esse sucesso demonstra, segundo Nash (1996), a importância da ISI como editora de publicações e como coordenadora do movimento estudantil conservador, pois revelou e colocou à disposição da juventude conservadora uma vasta bibliografia sobre liberalismo. Ativa até hoje, a Intercollegiate Society of Individualists patrocina um extenso programa de “educação para a liberdade”, através de conferências, publicações e bolsas de estudo que atingem estudantes universitários em todo o País. Seu objetivo é preparar lideranças capazes de defender os princípios norteadores da sociedade livre: Estado limitado, liberdade individual, responsabilidade pessoal, livre-empresa e padrões morais judaico-cristãos.

O jornal **The Freeman** também foi um elo importante na rede liberal-conservadora norte-americana. Criado por um intelectual de direita nos anos 20, o jornal passou por algumas dificuldades e saiu de circulação. Foi recriado nos anos 50, para defender e divulgar o liberalismo tradicional e a liberdade individual. Editado pelos Jornalistas Henry Hazlitt e John Chamberlain, o periódico divulgava também artigos acadêmicos de Hayek, Von Mises e Röpke, dentre outros. Foi o jornal liberal de maior prestígio nos EUA, no período 1950-54, e teve papel central na reconstrução da intelectualidade conservadora norte-americana (Nash, 1996). Apesar disso, passou por problemas financeiros e, em 1954, foi comprado pela Foundation of Economic Education e transformado num mensário. Em 1956, devido a novos problemas financeiros, **The Freeman** foi incorporado à publicação mensal da Foundation for Economic Education e pas-

---

<sup>9</sup> O livro de Bastiat também foi editado no Brasil, pelo Instituto Liberal, no final dos anos 80.

sou a denominar-se **The Freeman: Ideas on Liberty** (Nash, 1996), sendo publicado até hoje.

O outro periódico conservador que merece destaque é a **National Review**, criada em 1955. No final dos anos 50, o movimento conservador norte-americano era composto por três tendências: os liberal-conservadores; os tradicionalistas ou neoconservadores, que rejeitavam a sociedade de massas e o racionalismo e pregavam o retorno aos valores religiosos e éticos tradicionais; e os anticomunistas, preocupados com o avanço do comunismo na esfera internacional e também com os “comunistas infiltrados” na sociedade norte-americana. Para fazer frente ao domínio da esquerda sobre as universidades e a mídia, os intelectuais conservadores decidiram reunir-se num semanário que representasse a diversidade do movimento. Os colaboradores da **National Review** eram figuras destacadas das diferentes vertentes do conservadorismo norte-americano, e a linha editorial tinha um viés anticomunista, antiestatista e católico. Em 1958, devido a problemas financeiros, a **National Review** tornou-se quinzenal, chegando a ter uma circulação de 100.000 exemplares nos anos 70 (Nash, 1996). A revista também funcionou como o centro de uma rede de instituições e canais de comunicação da direita norte-americana. Em circulação até hoje, mantém a mesma linha editorial desde o início: forte oposição à política de distensão, ao controle de preços e salários e à regulamentação governamental de qualquer natureza. Em contrapartida, apóia o aumento das dotações orçamentárias para a defesa nacional e o fortalecimento do papel hegemônico dos Estados Unidos no mundo (Sen, 1981).

Dessa forma, nos anos 50, intelectuais como Hayek, Von Mises, Leonard Read e Henry Hazlitt, dentre outros, e organizações como a Foundation for Economic Education, a Intercollegiate Society of Individualists, a Sociedade Mont Pelerin e os periódicos **The Freeman** e **National Review** desempenharam papel fundamental na divulgação do neoliberalismo nos EUA, transformando-se numa rede de influência e contatos pessoais e institucionais que conformou um movimento intelectual liberal-conservador. Além disso, vários fatores internos e externos contribuíram para o ressurgimento do liberalismo nos EUA, nesse período. Internamente, Nash (1996) cita a proximidade do New Deal e o medo da população norte-americana em relação à intervenção do Governo na vida dos cidadãos. No exterior, os acontecimentos políticos davam destaque aos argumentos liberais: a Rússia estalinista e a Guerra Fria acirravam os sentimentos nacionalistas e antitotalitários dos norte-americanos. A vitória dos trabalhistas na Inglaterra socialista de 1945 também preocupava os norte-americanos. Nesse contexto, “[...] liberalismo e capitalismo tornaram-se intelectualmente defensíveis” (Nash, 1996, p. 27).



Os anos 60 foram de fortalecimento e consolidação do movimento intelectual conservador norte-americano, para fazer frente à efervescência da sociedade, que se manifestava através dos movimentos civis de negros, minorias sexuais, ecologistas, consumidores, etc. As diferentes tendências conservadoras compartilhavam determinados princípios básicos: a defesa da propriedade privada e da livre-empresa; o horror ao comunismo e ao socialismo; o apoio a uma política externa agressiva, de forte defesa nacional; a afirmação da superioridade dos Estados Unidos e da civilização ocidental sobre o resto do mundo; e a defesa de valores morais e religiosos tradicionais (Nash, 1996). Milton Friedman e os demais membros da Escola de Chicago tiveram papel de destaque como economistas neoliberais que participavam ativamente do movimento conservador, principalmente na crítica ao funcionamento dos programas governamentais. No *campus*, a Intercollegiate Society of Individualists continuava muito ativa e funcionava como um elo entre os acadêmicos de direita e os estudantes.

A conjuntura de efervescência política dos anos 60 e o aumento da intervenção governamental sobre as atividades econômicas nos anos 70 também impulsionaram o ativismo de direita e a organização e a mobilização política da Nova Direita norte-americana. Essa mobilização incluiu a adoção de novas estratégias políticas, para ultrapassar os limites da atividade partidária e chegar até o cidadão comum. Através de novas táticas de divulgação e propaganda política, ativistas de classe média e universitários, motivados mais por um compromisso com a agenda política de direita do que com o Partido Republicano, conseguiram grande autonomia financeira, através do uso sistemático de malas-diretas para angariar fundos (Davis, 1981, p. 36). Nos anos 70, a partir das mudanças implementadas na legislação sobre financiamento de campanhas eleitorais, que permitiram angariar fundos de indivíduos e empresas através de Political Action Committees (PACs), esses grupos mais à direita dentro do Partido Republicano tornaram-se muito ativos e foram bem-sucedidos ao promover atividades que exaltavam o conservadorismo social, o racismo e o patriotismo, como as campanhas sobre questões específicas — os *single issue movements* — contra o aborto, os *gays*, o controle de armas, etc.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Um exemplo detalhado de alguns desses *single issue movements* é dado por Stefancic e Delgado (1996) no livro em que demonstram como diferentes frações do movimento conservador norte-americano conduziram uma bem-sucedida “guerra de posição”, desde o final dos anos 60, que conseguiu mudar a agenda social norte-americana em direção a soluções conservadoras. Ao longo de três décadas, através da utilização de todas as novas formas de mobilização política dos cidadãos comuns, os conservadores da Nova Direita norte-americana, especialmente da Califórnia, desenvolveram campanhas nacionais que visavam reverter uma série de leis sociais de proteção às minorias étnicas, aos

A contribuição dos empresários e das grandes corporações norte-americanas na mobilização conservadora e liberal também foi grande. Eles mantiveram uma consistente ideologia de repúdio ao Governo nos últimos 150 anos, defendendo a supremacia da auto-regulação do mercado e condenando o gasto social do Estado de Bem-Estar (Vogel, 1983). A expansão da regulação econômica nos anos 70, em especial sobre as questões ambientais, de emprego, saúde e previdência, provocou um incremento na mobilização política contra essas medidas entre o empresariado norte-americano, através do aumento de sua contribuição no financiamento das campanhas políticas e de *think tanks* liberal-conservadores e de sua participação em organismos de aconselhamento ao Governo em Washington por meio de entidades empresariais, como, por exemplo, a Business Roundtable (Usseem, 1983). Criada por grandes corporações norte-americanas em 1973, para defender seus interesses como um *lobby*, atua diretamente sobre os congressistas em Washington; seu objetivo é inibir a aprovação de leis consideradas prejudiciais aos interesses da comunidade de negócios norte-americana. Também funciona como um conselho empresarial de alto nível, pois consegue reunir-se privadamente com o Presidente dos Estados Unidos (Domhoff, 1979).

A partir dos anos 70, duas novas tendências surgiram na direita norte-americana: os neoconservadores, social-democratas desiludidos e convertidos ao credo da direita, e a direita religiosa, constituída menos de intelectuais e mais de um movimento oriundo das comunidades de cidadãos religiosos fundamentalistas<sup>11</sup>, evangélicos e pentecostais, revoltados com o que consideravam a decadência moral da sociedade norte-americana e preocupados com temas sociais como aborto, religião nas escolas, pornografia, drogas, crime, desvio sexual, etc.

Todas as correntes da direita norte-americana vieram a se aglutinar na campanha republicana que culminou com a vitória de Ronald Reagan em 1980. Elas se unificaram em torno de um credo comum que forneceu o reforço ideológico e o apoio político e financeiro ao Partido Republicano de Reagan: defesa da

---

imigrantes, aos pobres e aos consumidores. Segundo os conservadores, a aprovação dessas leis refletia a atividade dos movimentos sociais dos anos 60 e abalava a hegemonia da América branca, protestante e individualista.

<sup>11</sup> O fundamentalismo religioso teve enorme renascimento nos Estados Unidos, nas últimas décadas: enquanto as igrejas protestantes progressistas perderam muitos membros, cresceram enormemente a Igreja Batista e as ultraconservadoras "igrejas eletrônicas", que dominam muitas estações de televisão e rádio por todo o País e declaram atingir uma audiência de quase 100 milhões de pessoas. Todos os candidatos conservadores à Presidência, nas últimas décadas, receberam grandes contribuições financeiras das igrejas fundamentalistas (Davis, 1981, p. 38).

propriedade privada e da liberdade econômica; combate ao comunismo e ao socialismo; defesa da forte presença dos Estados Unidos no mundo, baseada na sua superioridade na América e no Ocidente; crença no cristianismo ou no judaísmo; defesa de valores fundamentados na moral tradicional; e hostilidade ao positivismo e ao relativismo (Nash, 1996, p. 324).

Nas últimas décadas, os conservadores tornaram-se um movimento intelectual e político muito influente na sociedade norte-americana, estabelecendo vários periódicos para difundir suas idéias e definindo como estratégia de ação o estudo e a formulação de políticas públicas, desenvolvidos através de rede de *think tanks* liberal-conservadores, de publicações, de firmas de assessoria jurídica e de consultorias para os políticos em Washington. Essa rede propicia uma maior vinculação entre intelectuais, políticos e uma miríade de *think tanks* especializados no estudo e na formulação de políticas públicas de cunho liberal e conservador. De fato, o número de *think tanks* aumentou enormemente a partir dos anos 60, nos EUA, assim como sua influência sobre a definição das políticas públicas. Nos anos 80, esse aumento deveu-se principalmente à criação de *think tanks* marcadamente ideológicos, numa matriz conservadora, como a Heritage Foundation, a Brookings Institution, o American Enterprise Institute e o Public Policy Research Institute (Hollings, 1993). Atualmente, existem mais de 1.000 *think tanks* em operação nos Estados Unidos, que se filiam a variados matizes ideológicos e são, em grande número, de abrangência nacional. Existem também muitos institutos regionais ou locais, além daqueles vinculados a universidades.

Alguns *think tanks* que formam a rede neoliberal e conservadora destacaram-se no cenário da política pública reaganiana, nesse período. O mais famoso deles talvez seja a Heritage Foundation, criada em 1973, por Edward Feulner (que havia trabalhado no Institute of Economic Affairs, em Londres, e foi Presidente da Sociedade Mont Pelerin nos anos 90), como centro de pesquisas sobre política nacional para auxiliar os congressistas e seus assistentes. Seu financiador original foi o empresário Joseph Coors, do ramo de cervejas, mas, em 1980, já recebia mais de US\$ 5 milhões em doações de empresas e fundações como a própria Coors, Scaife Family Trust, Noble Foundation e John M. Olin Fund (George, 1996). Mais conhecida por sua vinculação com a Presidência de Reagan, já que se tornou o centro da Reagan Revolution, com a elaboração do **Mandate for a Leadership** (Nash, 1996), a Heritage Foundation funciona como um elo de ligação entre toda a rede de *think tanks* formuladores de políticas públicas e o movimento conservador em geral. Além disso, desempenha o papel de centro de referências para profissionais conservadores altamente qualificados no assessoramento de políticos e congressistas. Essa intermediação da Heritage Foundation permite aos militantes conservadores republicados exilarem-se em

*think tanks* liberais e conservadores no interregno dos governos democratas (Weaver, 1989; George, 1996).

Outro *think tank* importante na rede de organizações neoliberais é o American Enterprise Institute, fundado em 1943 por empresários que se opunham ao New Deal. Tem como objetivo promover políticas de livre-mercado e funcionar como um centro de difusão da retórica da livre-empresa. Seu trabalho é feito diretamente com os membros do Congresso, a burocracia federal e a mídia. Nos anos 80, empregava cerca de 500 pessoas, produzindo livros, análises e relatórios, e tinha um orçamento de quase US\$ 13 milhões (George, 1996). Em 1987, cerca de 60% de seus recursos vinham das grandes empresas (Weaver, 1989), e o restante, das fundações mantidas pelas grandes empresas (Sen, 1981).

Como se pode perceber com esses poucos exemplos, ao longo das últimas décadas, centenas de milhões de dólares foram utilizados na produção e na difusão da ideologia neoliberal, nos EUA. De onde vieram esses recursos? Entre 1940 e 1950, vieram principalmente do William Volker Fund<sup>12</sup>, que financiou a viagem dos representantes norte-americanos na reunião da Sociedade Mont Pelerin, em 1947, e ainda foi usado para salvar revistas em dificuldades, financiar inúmeras publicações em Chicago, para assumir as dívidas da Foundation for Economic Education e organizar colóquios em universidades. Desde os anos 60, fundações de grandes empresas aumentaram as doações para as instituições neoliberais e conservadoras. Nos anos 90, essas doações já eram milionárias, como, por exemplo, as doações da Fundação Ford para o American Enterprise Institute, ou da Fundação Bradley, que contribuiu com US\$ 28 milhões, em 1994, para a Heritage Foundation e o American Enterprise Institute, dentre outros. Da mesma forma, as quatro revistas neoliberais mais importantes dos EUA nos anos 90 — **The National Interest, The Public Interest, New Criterion e American Spectator** — receberam US\$ 27 milhões de diferentes fontes entre 1990 e 1993, segundo Susan George (1996).<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> O William Volker Fund foi criado em 1932 por um empresário de mesmo nome, no Texas, para financiar atividades em defesa das idéias liberais, destacando-se a contratação de professores para as universidades norte-americanas, dentre eles, Hayek, Von Mises e Aaron Director; a promoção da primeira reunião da Sociedade Mont Pelerin; a publicação de textos de liberais e conservadores distribuídos a todas as bibliotecas universitárias dos EUA; e o apoio financeiro para a formação de instituições semelhantes, como o Intercollegiate Studies Institute, a Foundation for Economic Education e o Institute of Human Studies, que sucedeu o Volker Fund em 1961 (Blundel, 1990).

<sup>13</sup> A título de comparação, as únicas quatro revistas progressistas dos Estados Unidos com circulação nacional — **The Nation, The Progressive, In These Times e Mother Jones** — receberam, no mesmo período, apenas US\$ 270.000 em forma de doação de empresas (George, 1996).

Algumas fundações sustentadas por grandes e antigas fortunas industriais, como Coors (cervejarias), Scaife e Mellon (aço) e principalmente Olin (produtos químicos), costumam também financiar cátedras acadêmicas — e nomear os professores que irão ocupá-las — nas mais prestigiadas universidades norte-americanas. Em 1988, a Fundação Olin destinou US\$ 55 milhões para esse tipo de apoio. Desde então, existem cátedras Olin de Direito e Economia nas Universidades de Harvard, Yale, Stanford e Chicago, onde o Centro Olin para o Estudo da Teoria e da Prática da Democracia recebe US\$ 36 milhões por ano. A revista conservadora **The National Interest** recebe US\$ 1 milhão anualmente. Em Harvard, o Instituto Olin de Estudos Estratégicos recebe US\$ 14 a.a. (George, 1996).

## **À guisa de conclusão: a internacionalização do movimento neoliberal nos anos 80**

A história do projeto de governo de Thatcher (**Omega Project**) e da própria criação do Adam Smith Institute é um exemplo da estreita articulação entre os movimentos liberais na Inglaterra e nos EUA, nos anos 60 e 70. A criação quase concomitante da Heritage Foundation nos Estados Unidos (1973) e do Centre for Policy Studies na Inglaterra (1974), bem como a natureza semelhante do trabalho que realizam, é outro exemplo da sincronicidade entre o desenvolvimento intelectual e político do liberalismo econômico nos EUA e na Inglaterra, assim como comprova a influência que Hayek e Friedman exerceram tanto sobre a Nova Direita norte-americana quanto sobre a inglesa (Cockett, 1995, p. 282). Mais recentemente, a convergência de ideais pode ser constatada também no intercâmbio entre instituições. Como exemplo, cita-se o Margareth Thatcher Center for Freedom, criado em 2005, na Heritage Foundation, a partir de uma doação substancial da Margareth Foundation, com o objetivo de estreitar os laços entre os conservadores dos EUA, da Grã-Bretanha e do resto da Europa.

Outra evidência dessa articulação é dada pela prática de intercâmbio de diretores entre suas organizações. Já se mencionou a experiência dos irmãos Butler, que, antes de fundarem o Adam Smith Institute em Londres, haviam trabalhado no Republican Study Committee, nos Estados Unidos. Em 1981, Stuart Butler voltou para os EUA como analista político na Heritage Foundation e era seu Vice-Presidente para Estudos de Política Doméstica em 1994 (Cockett, 1995, p. 282). Outro exemplo é o do Institute for Humane Studies, que financia bolsas de estudos e promove seminários de verão nos EUA para estudantes e professores universitários de todo o mundo que compartilhem o interesse pelo

ideário liberal. Criado nos EUA, em 1961, por F. A. Harper, ex-Diretor da Foundation for Economic Education e do Volker Fund, nos anos 80, o Institute for Humane Studies teve como Vice-Presidente John Blundel, que estudou na London School of Economics, onde conheceu o trabalho do Institute of Economic Affairs. Depois, Blundell foi Presidente da Atlas Economic Research Foundation e, finalmente, tornou-se Diretor Geral do Institute of Economic Affairs de Londres em 1993 (Cockett, 1995, p. 192).

A existência de vínculos estreitos entre os movimentos neoliberais na Inglaterra e nos EUA foi importante não apenas para o desenvolvimento do pensamento e da ação política dos liberais nesses países, mas também para a internacionalização desse movimento nos anos 80. Essa nova fase do movimento ideológico liberal deve muito, novamente, a grandes corporações e fundações que financiam o movimento e à capacidade de articulação de algumas lideranças como Anthony Fisher, criador do Institute of Economic Affairs de Londres. A partir dos anos 70, Fisher usou sua capacidade para angariar recursos na tarefa de criação de *think tanks* liberais em outros países. Em 1975, foi convidado a dirigir o Fraser Institute do Canadá, fundado em 1974. No final dos anos 70, colaborou com a fundação do International Center for Economic Policy Studies em Nova Iorque (depois designado Manhattan Institute for Policy Research) e do Pacific Institute for Public Policy. Na Austrália, colaborou com a criação do Centre for Independent Studies em 1979 (Cockett, 1995). Além das organizações que Fisher ajudou a criar diretamente, o Institute of Economic Affairs de Londres serviu de modelo a outros institutos liberais de análise de políticas, como o Free Enterprise Institute na Suécia, o Centro de Investigaciones Económicas Sobre la Libre Empresa (CISLE) no México, o Hong Kong Centre for Economic Research, o Liberty Fund<sup>14</sup> nos EUA e os Institutos Liberais no Brasil, dentre outros (Fonseca, 1993; Gros, 2003).

Em 1981, com o apoio da Sociedade Mont Pelerin, Anthony Fisher fundou a Atlas Economic Research Foundation, para orientar e coordenar a ação de todos esses institutos internacionais. Essa fundação ajuda a criar e a manter *think tanks* de políticas públicas em todo o mundo, fornecendo orientação, consultoria, apoio financeiro e acesso a uma rede internacional de líderes e intelectuais que compartilham o ideal liberal. Seu trabalho concentrou-se nas Américas Central e do Sul e nos países do Leste Europeu, regiões onde a luta em favor do liberalismo ainda se encontrava no estágio em que estava nos EUA e na Inglaterra, nos anos 40. Em 1987, a Atlas Foundation uniu-se ao Institute

---

<sup>14</sup> O Liberty Fund foi criado em 1960 pelo empresário Pierre F. Goodric, para divulgar o liberalismo. Financia e promove cursos e seminários em vários países, além da edição de livros e da contratação de acadêmicos para universidades norte-americanas (Blundel, 1990).

for Humane Studies, criado nos anos 60, para formar o núcleo central de uma rede internacional de *think tanks* ou institutos de pesquisa sobre o livre-mercado, inspirados basicamente no trabalho do Institute of Economic Affairs de Londres (Cockett, 1995). Nesse trabalho conjunto, as duas fundações vêm realizando seminários internacionais anuais, sendo que o Liberty and Society é promovido pelo Institute of Humane Studies, e os International Workshops, pela Atlas Foundation. Fisher morreu em 1988, mas a Atlas Foundation não parou de crescer. Em 1991, a Fundação havia ajudado a criar, sustentar ou assessorar cerca de 78 institutos, especialmente 31 na América Latina, e desenvolvido relações com outros 88 institutos em 51 países (Cockett, 1995, p. 307). Da rede de entidades vinculadas de alguma forma à Atlas Foundation, fazem parte várias das organizações que mantêm vínculos com o Instituto Liberal do Brasil, como a Reason Foundation, o Center for International Private Enterprise, o Cascade Policy Institute, a Foundation for Economic Education, o Cato Institute, o Fraser Institute, o Ludwig Von Mises Institute, o Independent Institute, o Institute of Economic Affairs, o Institute for Humane Studies, o Pacific Research Institute, o Centre for Independent Studies, o Instituto Libertad y Democracia do Peru, a Universidad Francisco Marroquin na Guatemala, e a ESEADE na Argentina .

Essa rede internacional de *think tanks* liberal-conservadores tem como núcleo central a Sociedade Mont Pelerin. Na medida em que funciona quase como uma sociedade secreta, “uma espécie de franco-maçonaria neoliberal, altamente dedicada e organizada” (Anderson, 1995, p. 10), a força e a influência da Sociedade Mont Pelerin é exercida principalmente através dos indivíduos que a compõem. Do grupo original de menos de 50 membros europeus e norte-americanos, a sociedade hoje congrega cerca de 500 associados em todos os continentes, incluindo figuras de projeção, tanto no meio político quanto no acadêmico, destacando-se oito vencedores do Prêmio Nobel de Economia: Friederich Hayek (1974), Milton Friedman (1976), George Stigler (1982), James Buchanan (1986), Maurice Allais (1988), Ronald Coase (1991), Gary Becker (1992) e Vernon Smith (2002).

Como se pode perceber, a existência de um movimento ideológico neoliberal internacional deve muito às organizações mencionadas, em especial ao Institute of Economic Affairs da Grã-Bretanha, por ser o núcleo original e o modelo dos centros de ensino, pesquisa e desenvolvimento da teoria econômica liberal, à Atlas Economic Research Foundation dos EUA, pelo papel que exerce na criação e na manutenção de *think tanks* liberal-conservadores em todo o mundo, à Sociedade Mont Pelerin, por promover reuniões entre grandes personalidades do mundo político e acadêmico liberal, e às inúmeras fundações mantidas pelas grandes empresas, que fornecem os recursos para sustentar esse movimento ideológico neoliberal internacional.

## Referências

- ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: GENTILI, Pablo; SADER, Emir (Org.). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 9-23.
- APPLE, Michael W. O que os pós-modernistas esquecem: capital cultural e conhecimento oficial. In: GENTILI, Pablo; SILVA, Thomaz (Org.). **Neoliberalismo, qualidade total e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 179-204.
- BLUNDEL, John. **Waging the war of ideas: why there are no shortcuts**. London: IEA, 1990. Disponível em: <<http://www.atlas-fdn.org/idea.war.htm>>. Acesso em: 24 maio 1998.
- COCKETT, Richard. **Thinking the unthinkable**. Thinktanks and the economic counter-revolution 1931-1983. London: Harper Collins, 1995. 390p.
- DAVIS, Mike. The new right's road to power. **New Left Review**, London, n. 128, p. 28-49, 1981.
- DENHAM, Andrew. **Think tanks of the new right**. England: Dartmouth, 1996. 224p.
- DOMHOFF, G. W. **The powers that be: process of ruling class domination in America**. New York: Vintage, 1979. 206p.
- FONSECA, Odemiro. **Crônica de uns liberais impenitentes: The Mont Pelerin Society**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1993. 40p. (Ensaio e artigos).
- FOXLEY, Alejandro. **Experimentos neoliberales en América Latina**. México: Fondo de Cultura Económica, 1988.
- FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e liberdade**. São Paulo: Abril Cultural, 1962.
- GEORGE, Susan. **De cómo el pensamiento se fue haciendo único**. Críticas ideológicas al pensamiento único del neoliberalismo. Montevideo: Carumbé, 1996. p. 4-9. (Ediciones especiales).
- GROS, Denise B. **Institutos liberais e neoliberalismo no Brasil da Nova República**. Porto Alegre: FEE, 2003. (Teses FEE, n.6). Disponível em: <[http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/download/teses/teses\\_fee\\_06.pdf](http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/download/teses/teses_fee_06.pdf)>.
- HAYEK, F. **O caminho da servidão**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1990. 221p.



HOLLINGS, Robert L. **Nonprofit public policy research organizations: a sourcebook on think tanks in government.** London: Garland, 1993.

HUNT, E. K.; SHERMAN, H. J. **História do pensamento econômico.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

MISES, Ludwig von. **Ação humana** — um tratado de economia. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1990. 872 p.

NASH, George H. **The conservative intellectual movement in America since 1945.** Wilmington: Intercollegiate Studies Institute, 1996. 467p.

RAMONET, Ignacio. **El pensamiento único.** Críticas ideológicas al pensamiento único del neoliberalismo. Montevideo: Carumbé, 1996. p. 2-3. (Ediciones especiales).

SEN, Maria Isabel. Los centros de pensamiento y las publicaciones conservadoras en Estados Unidos. Estados Unidos: perspectiva latinoamericana. **Cuadernos Semestrales**, México, n. 9, p. 339-346, 1. sem. 1981.

SOLEY, Lawrence. Right thinking conservative think tanks. **Dissent**, v. 38, n. 3, p. 418-420, summer 1991.

STEFANCIC, Jean; DELGADO, Richard. **No mercy.** How conservative think tanks and foundations changed America's social agenda. Philadelphia: Temple Univ., 1996. 227p.

USSEEM, Michael. Business and politics in the United States and United Kingdom. **Theory and Society**, v. 12, n. 3, p. 281-308, 1983.

VOGEL, David. The power of business in America: a re-appraisal. **British Journal of Political Science**, v. 13, p. 19-43, 1983.

WEAVER, Kent. The changing world of the think tanks. **Political Science and Politics**, v. 22, n. 3, p. 563-579, Sept. 1989.

WEISS, Carol. **Organizations for policy analysis: helping government think.** Newbury Park, CA: Sage Publ., 1992.

## **Lista de instituições citadas**

Adam Smith Institute: <<http://www.adamsmith.org/>>.

American Enterprise Institute: <<http://www.aei.org/>>.

*Denise Barbosa Gros*

Atlas Economic Research Foundation: <<http://www1.atlas-fdn.org/mission.htm>>.

Cascade Policy Institute: <<http://www.cascadepolicy.org>>.

Cato Institute: <<http://www.cato.org/>>.

Center for International Private Enterprise: <<http://www.cipe.org>>.

Foundation for Economic Education: <<http://www.fee.org/>>.

Fraser Institute: <<http://www.fraserinstitute.ca/>>.

Fundacion Internacional para la Libertad: <<http://www.funacionfil.org/>>.

Heritage Foundation: <<http://www.heritage.org/>>.

Independent Institute: <<http://www.independent.org/>>.

Institute for Humane Studies: <<http://www.theihs.org/>>.

Institute of Economic Affairs: <<http://www.heritage.org?>>.

Instituto Libertad y Democracia: <<http://www.wild.org.pe/es/>>.

Intercollegiate Studies Institute: <<http://www.isi.org>>.

Liberty Fund: <<http://www.libertyfund.org/>>.

Margareth Thatcher Center for Freedom: <<http://www.thatchercenter.org/>>.

Mont Pelerin Society: <<http://www.montpelerin.org>>.

Reason Foundation: <<http://www.reason.org/>>.